



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MICHELY ARRUDA DE MENEZES

**RESPEITO AO OUTRO, AMOR E TOLERÂNCIA: ALTERNATIVAS
PARA PREVENIR E COMBATER A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

**Campina Grande-PB
2017**

MICHELY ARRUDA DE MENEZES

**RESPEITO AO OUTRO, AMOR E TOLERÂNCIA: ALTERNATIVAS PARA
PREVENIR E COMBATER A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Assis

**Campina Grande-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M541r Menezes, Michelly Arruda de.
Respeito ao outro, amor e tolerância [manuscrito] :
alternativas para prevenir e combater a violência na escola /
Michelly Arruda de Menezes. - 2017.
47 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Célia de Assis,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Violência na escola. 2. Valores humanos. 3.
Preconceito.

21. ed. CDD 371.782

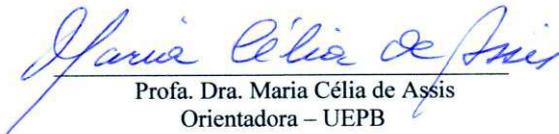
MICHELY ARRUDA DE MENEZES

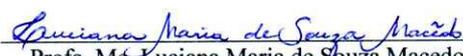
**RESPEITO AO OUTRO, AMOR E TOLERÂNCIA: ALTERNATIVAS PARA
PREVENIR E COMBATER A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 07/12/2017 as 14:00horas

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Maria Célia de Assis
Orientadora – UEPB


Prof. M^e. Luciana Maria de Souza Macedo
Examinadora – URCA


Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Examinadora – UEPB

**Campina Grande-PB
2017**

Dedico,

*A Deus, por ser essencial em minha vida,
autor do meu destino, meu guia, socorro
presente na hora da angústia.*

*A minha mãe Maria Lúcia, à minha irmã Kaline
que tanto me incentivaram e não me deixaram desistir.*

A toda minha família que sempre me ajudou e

*In memoriam
meu pai Severino.*

AGRADECIMENTOS

À Deus por minha vida, família e amigos, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades;

À minha mãe Maria Lúcia, heroína e batalhadora que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Amo-te mainha!

À minha irmã Kaline, que sempre acreditou no meu potencial e não deixou que eu desistisse nos momentos difíceis. Amo-te minha irmã!

À toda a minha família, que acreditou em mim e sempre se prontificou a me ajudar em qualquer ocasião. Meus tios, tias (Titia Celinha e Tia Vera), meus avós (Antonia e Severino), meus primos e primas, meu afilhado Matheus, a minha sobrinha Eloah e a meu cunhado Emerson.

À meu noivo Rafael por sempre está ao meu lado, acreditando sempre em mim e me dando forças nos momentos mais difíceis. Pelo amor, carinho, atenção e compreensão. Te amo!

Aos meus amigos do curso, em especial, Dannúbya Fernanda, Laurey Marrone, Orcassia O'hara e Júlia, com quem vivi momentos inesquecíveis. Obrigada pela amizade verdadeira, pelos momentos de alegria.

À todos os professores do curso que me inspiraram no campo pessoal e profissional.

À minha orientadora, Maria Célia, pela paciência, dedicação, amor e ensinamentos que possibilitaram que eu realizasse este trabalho.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

Á vocês, muito obrigada!

*Amor, competência e coragem, valores
que envolvem outros. Valores essenciais
para quem quer ensinar e para quem
quer aprender.
Gabriel Chalita*

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “Respeito ao outro, amor e tolerância: alternativas para prevenir e combater a violência na escola” tem como objetivo investigar as diferentes causas das violências na escola, assim como, a construção de valores humanos construídos em sala de aula, para prevenir e combater a referida violência. A referida pesquisa realizou-se em uma Escola Pública Municipal, localizada no município de Queimadas-PB. Para tanto, apoiou-se em autores estudiosos no assunto, como Assis (2014); Freire (2001; 2005 e 2013); Chalita (2003, 2008), entre outros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa Bogdan e Biklen (1994), Triviños (2008). Coletaram-se os dados por meio de questionário, e da observação, professores alunos e a gestora da escola universo da pesquisa. Os resultados apontam que os tipos de violência que mais se expressam na escola é a violência verbal, que se caracterizam como xingamentos, apelidos, palavras de baixo calão, palavras que machucam tanto quanto uma violência física, inclusive, com as associações aos animais. Assim sendo, cabe a escola, isto é, a gestão e os professores tomarem consciência da importância de um trabalho direcionado para os valores humanos em especial o respeito ao outro, considerando ser uma das alternativas relevantes para prevenir e combater a violência na escola.

Palavras – chave: Violência na escola. Valores humanos. Respeito ao outro.

ABSTRACT

This current Course Conclusion article entitled "Respect for Others, Love, and Tolerance: Alternatives to Prevent and Combat Violence in School" has an objective to investigate how different causes of violence in the school, as well as a construction of human values built in the classroom, to prevent and combat violence. The research is carried out in a Municipal Public School, located in the municipality of Queimadas-PB. For that, it was based on scholars on the subject, such as Assis (2014); Freire (2001; 2005 and 2013); Chalita (2003, 2008), among others. This is a qualitative research Bogdan and Biklen (1994), Triviños (2008). The data were collected through questionnaire, and observation, teachers students, and school manager was the universe of the research. The results indicate that the most expressive type of violence in school is the verbal violence, which is characterized as name-calling, nicknames, low-slang words, words that hurt as much as physical violence, including animal associations. Therefore, it is up to the school, that is, the management and teachers, to be aware of the importance to work directed with human values, especially respect for others, considering it to be one of the relevant alternatives to prevent and combat violence in school.

Key words: Violence in school. Human values. Respect for others.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1.1 VALORES HUMANOS.....	10
1.1.1 Respeito ao outro.....	11
1.1.2 Amor.....	13
1.1.3 Tolerância.....	14
1.2 PRÁTICA DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DE VALORES.....	15
1.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	18
1.4 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO.....	20
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	21
2.1 UNIVERSO DA PESQUISA.....	21
2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	22
2.3 COLETA DE DADOS.....	22
2.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	23
3 O QUE PENSAM OS SUJEITOS DA PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	25
3.1 ENTENDIMENTO ACERCA DE VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	25
3.2 COMPREENSÃO SOBRE PRECONCEITO.....	26
3.3 LIVROS REFLETIDOS A RESPEITO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA SOB A FORMA DE PRECONCEITO.....	27
3.4 OS TIPOS DE VIOLÊNCIA EXISTENTES NA ESCOLA ESPECIFICAMENTE EM SALA DE AULA.....	28
3.5 AÇÕES DIANTE DE VIOLÊNCIA ENTRE ALUNOS.....	29
3.6 DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS PARA PREVENIR E COMBATER A VIOLÊNCIA.....	30
3.7 A EXISTÊNCIA DE PROJETOS NA ESCOLA PARA O RESGATE DOS VALORES HUMANOS.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICES.....	38
APÊNDICES – A QUESTIONÁRIO APLICADO A GESTORA.....	39
APÊNDICES – B QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS PROFESSORAS.....	40
APÊNDICES - C QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS DO 5^o ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	41

ANEXO A – FOTOS DA ESCOLA.....	42
---------------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado: “Respeito ao outro, amor e tolerância: alternativas para prevenir e combater a violência na escola” tem como objetivo: **investigar as diferentes causas das violências na escola, assim como, a construção de valores humanos construídos em sala de aula, para prevenir e combater a referida violência.**

A violência sempre existiu, só que na sociedade contemporânea ela tem se manifestado em maiores proporções, causando muito medo e angústia a sociedade, principalmente, quando se trata da violência inserida no âmbito escolar. A escola precisa ser um espaço que proporcione aprendizagem, troca de experiências, solidariedade, amor, amizade, humildade, espaço que não haja preconceito e discriminação, deve ser um espaço que traga segurança e não lugar de diversas violências, nas suas variadas formas, desde a psicológica, verbal a física.

Para prevenir e combater tais violências é relevante a construção de valores humanos em sala de aula, a escola e o educador são fundamentais para a construção e a permanência dos valores.

Portanto, o professor além de ensinar conteúdos precisa também ensinar os valores, ou melhor, construir juntamente com os alunos atitudes que possibilitem o convívio harmonioso, dentro e fora da escola.

Organizamos o trabalho da seguinte maneira:

A primeira parte, denominada Fundamentação Teórica, apresentamos conceitos e concepções sobre: Valores humanos – respeito ao outro, amor e tolerância; apontamos também sobre a prática docente na construção de valores, violência na escola e preconceito e discriminação, apoiadas em estudiosos no assunto.

Na segunda parte, Considerações Metodológicas, caracterizamos os participantes da pesquisa, o método para obtenção dos dados e procedimento de análise dos mesmos.

Na terceira parte, analisando e interpretando o que vimos nas observações e o que ouvimos das professoras participantes da pesquisa que responderam aos questionamentos objetos da presente pesquisa.

Na quarta e última parte, as Considerações Finais, formulamos ideias sintetizadas da análise, desenvolvidas durante o nosso trabalho sobre um aspecto de grande relevância no processo educativo.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 VALORES HUMANOS

O grande mestre da Pedagogia, Paulo Freire, em sua obra Pedagogia do Oprimido nos faz refletir sobre uma sociedade bilateral, isto é, dividida em dois grandes blocos: os opressores e os oprimidos.

Tal divisão, a priori, nos permite ver que Freire segue um raciocínio marxista, porquanto este acreditava que a sociedade estava dividida em dois segmentos, quais sejam: os burgueses e os proletariados; o que nos faz inferir que o pai da Pedagogia rebatizou e expandiu os protagonistas que compõem essa dicotomia social.

Para Freire (2013), cabe à figura do opressor ser aquele que se impõe sobre o oprimido na busca pela manutenção de seus interesses e de poder restando, assim, ao oprimido ser o provedor desses interesses sem questionar o autoritarismo da figura opressora à qual está subjugado.

Contudo, esse “ser menos” ao se descobrir como um instrumento usado pelo “ser mais”, inicia uma busca que objetiva tornar o ser desumanizado em um instrumento útil na formação de uma sociedade de relações humanizadas observando o fato de que nessa busca esse ser oprimido não se torne o opressor do opressor, senão o seu restaurador.

Um dos mecanismos para se chegar a esse ponto dá-se através da libertação do sistema alienante em que o oprimido se encontra. Para que essa libertação seja possível, os homens precisam estar em consonância com um só pensamento a fim de que essa libertação não se torne um mero ativismo requerendo, para tanto, que eles se comuniquem.

Através do diálogo, o “ser menos” observa que a escola é um instrumento de opressão por excelência, porquanto ela é uma ferramenta de reprodução das ideias, cultura e interesses da classe dominante. Nessa visão, quer dizer, de uma educação “bancária”, cabe ao professor ser aquele que apenas transmite informações, elencadas pela elite ao seu público alvo, os discentes, sem que os induza a criticar esse sistema.

Diante disso, acreditamos que a sociedade encontra-se a quem de uma educação de qualidade, uma vez que não estamos criando seres críticos, mas, apenas reprodutores de um discurso que lhes é dado e que precisa ser propagado às gerações futuras. Esse processo alienante e mecanicista torna-se ainda mais surpreendente quando colocamos em evidência que as disciplinas e os conteúdos curriculares também são ferramentas desse sistema hierárquico-opressor.

Esse ponto é bastante preocupante dado a sua profundidade na vida dos alunos que fazem parte desse sistema. Ora, se o currículo é um instrumento de opressão e de propagação de uma cultura dominante e juntado a isto o fato de que a educação é progressista, isto é, não se atém apenas aos muros das escolas, mas que a Educação também está fora deles, nós veremos que muitas de nossas crenças e valores assim o são porque nos foram ensinadas a ser. Não fazemos parte do processo de formação de valores, de nossos valores, do nosso eu, em um mundo que cada vez mais desvaloriza os sentimentos e caráteres.

Nesse sentido, alguns valores podem ser considerados como principal ferramenta para a formação de um ser que exerce/pratica sua cidadania: respeito, amor, tolerância, entre outros os quais nos leva a considerarmos a importância de um trabalho direcionado ao resgate desses valores, assim contribuindo para uma melhor qualidade de vida na escola, família e comunidade.

O que ocorre em nossa sociedade? O que nos leva a ignorar certos comportamentos e a elogiar outros? Por que estamos perdendo o respeito com relação ao espaço do outro? E por fim, o que devemos fazer para que tais atitudes, ou comportamentos não continuem sendo reproduzidas?

Para tanto é preciso a priori que os educadores devem fazer e refazer essas perguntas constantemente, uma vez que são responsáveis pela a formação da criança que passa uma grande parte do seu tempo na escola. Sendo assim, nada mais justo que os educadores, juntamente com a família procurem educar a criança não apenas para o mundo, mas para a vida.

Embora, certos valores estejam esquecidos em nossa sociedade, como educadores/educadoras, é nosso dever resgatar e trazê-los a escola, mostrando que uma sociedade construída com valores, principalmente com o respeito ao outro, amor, a tolerância, a humildade, a gentileza, entre outros, torna-se um lugar melhor e agradável de viver.

A seguir passamos a refletir sobre os valores explicitados.

1.1.1 Respeito ao outro

A palavra respeito provém do latim *Respectus* e significa dizer “ação de olhar para trás; consideração, respeito, atenção, contra; asilo, acolhida, refúgio”. No dicionário Bueno, o significado de respeito é “veneração; acatamento; submissão; cumprimentos; homenagens” (2000, p. 676). Outro conceito que merece destaque é o de Chalita em que o,

[...] respeito está intimamente ligado às ações que levam à prática do bem coletivo e favorecem a manutenção da paz, da união e da boa vontade entre os povos. Por natureza, seu emprego está aliado a virtudes de igual importância, como a sabedoria, a humildade e da simplicidade (2003, p. 162).

Lamentavelmente, o respeito considerado um dos principais valores está se perdendo em nossa sociedade, seja no que se refere ao respeito ao outro, ao próximo, a alteridade; ao meio ambiente; ao patrimônio público; enfim aos seres vivos, a natureza. Por isso, desde pequenas as crianças devem ser ensinadas e orientadas a aceitar o outro, a respeitar as diferenças, entender que estamos em uma sociedade pluralista e, que a diferença precisa ser compreendida como algo natural e não anormal.

Sobre isso, refletimos como seria,

[...] se todos tivessem as mesmas crenças, as mesmas opiniões sobre tudo, como seria possível progredir em frentes variadas? Como seria aprender coisas novas? Qual seria a razão de existir senão pela maravilhosa aventura de em um saber único e, por isso mesmo, fascinante aos olhos alheios? Qual seria a graça de um mundo culturalmente hegemônico? Quais seriam as surpresas reservadas a nós (CHALITA 2003, p. 174).

Prosseguindo o nosso raciocínio, sobre o resgate ao respeito no âmbito escolar, compreendemos que deve ser iniciado desde o início dos anos escolares, considerando que a sua prática é de fundamental importância no desenvolvimento da criança. É nas escolas que encontramos as mais diversas diferenças, os mais variados gostos e estilos, por isto é o local adequado para se abordar, trabalhar e construir o respeito. Cabe a nós educadores, provocar questionamentos e situações que possibilitem a sua abordagem, que pode ser através de histórias, contos, simultaneamente, trabalhadas com questões relacionadas ao preconceito, a discriminação e a diversidade, pois, estão interligados, tanto pela falta de respeito, como a presença do mesmo, entre outras situações, a de aceitar atual conjuntura social, quando na realidade somos uma diversidade de raças, religiões e gostos. Assim, podemos criar cidadãos sem preconceitos.

A reconstrução desse valor na escola poderá construir um espaço de respeito não somente entre professor-aluno, aluno-aluno, funcionário-aluno, aluno-professor, mas, algo mais abrangente como, aluno-comunidade, comunidade-escola, escola-comunidade. Isto posta demonstra que o resgate do respeito, não ficará apenas preso ao espaço escolar, mas, a disseminação através do aluno que, de certa forma, ao instigar sua família, a mesma sentirá a necessidade de uma mudança.

Portanto, vale salientarmos que o que estamos propondo não ocorrerá instantaneamente, mas, é algo construído em parceria e com o objetivo de uma sociedade melhor, com mais tolerância, humildade, gratidão e outros valores que junto com o respeito estão se perdendo.

1.1.2 Amor

Um dos deveres/obrigação da educação, da família e do Estado é a formação de um cidadão crítico e reflexível que seja atuante na sociedade, como é afirmado no art. 2º da LDB - Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional,

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Tal afirmação nos mostra o quanto é necessário um ensino com base na construção de valores, uma vez que, a própria LDB afirma um ensino voltado para os ideias da solidariedade humana.

Para reforçar a ideia de uma educação voltada para valores em seu artigo 3º, a LDB elenca princípios de ensino voltados diretamente à educação em valores, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber (inciso II), pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; (inciso III); respeito à liberdade e apreço à tolerância (inciso IV) e gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino (inciso VIII).

Mas, por que estamos elencando partes da LDB voltadas para o ensino de uma educação baseada em valores? Abordamos porque a nossa sociedade presencia um momento em que a falta de amor acontece em grande escala, a falta de amor ao próximo, ao trabalho, a natureza e aos animais. Tal fato talvez ocorra pela falta de respeito à vida, pois quando entendemos e respeitamos a vida passamos a amar e cuidar de cada ser existente no mundo. Mas por que ocorre esta falta de amor e respeito?

O amor é o maior de todos os valores e, conseqüentemente, um dos melhores sentimentos, uma vez que sem o amor não existiria a troca de carinho entre pais e filhos, entre colegas e até mesmo na relação professor-aluno.

Em relação à prática do professor em sala de aula acredito que seja relevante que se proporcione aos alunos um ambiente harmonioso, cheio de alegria, amor, afetividade,

respeito, em que os educandos se sintam seguros, acolhidos e valorizados. Para educar é preciso que se tenha amor. Chalita (2008, p. 263) aponta que:

O professor não pode enxergar o aluno como um adversário, mas como um aliado, mesmo quando o comportamento dele é inadequado. Palavras leves. Cumprimentos. Atenção. Respeito ao tempo alheio. Inovação para incluir quem está à margem por algum motivo. Integridade. O professor que trabalha o valor do amor preocupa-se em não agredir, em não destruir sonhos nem castelos, mas ao contrário, em fazer ver luzem meio às nuvens.

Ser professor não é uma tarefa fácil, mesmo assim é preciso compreender bem o sujeito, com todas suas peculiaridades, é preciso está sempre inovando, criando, pesquisando. O educador deve incentivar despertar interesse, respeitar o aluno, tudo isso só é possível se houver o amor. Muitas vezes aquele aluno que possui atitudes ditas inadequadas em sala de aula apenas sinta falta de atenção, carinho e amor, o professor ao invés de gritar, colocar de castigo só precise conversar com ele, lhe dando aquilo que lhe falta, que é o amor e atenção.

1.1.3 Tolerância

A palavra tolerância provém do latim *tolerare* e significa “suportar” ou “aceitar”. No dicionário encontramos o significado de tolerância como sendo a “qualidade de tolerante; indulgência; condescendência” (BUENO, 2000, p. 758). Já tolerante significa quem “tolera; que desculpa; indulgente; que admite e respeita opiniões contrárias à sua” idem, (2000, p. 758).

Para Paulo Freire (2013) a tolerância é uma atitude para se conviver com as pessoas. Falem disso, ele nos aponta sobre a tolerância genuína, tolerância autêntica e tolerância legítima. A primeira citada “não exige de mim que concorde com aquele ou com aquela a quem tolero e também não me pede que a estime ou o estime” (Idem, p. 26). A tolerância autêntica nos revela que “demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente” (Idem, p. 26). Já a tolerância legítima me proporciona, na experiência, aprender com o diferente. Podemos perceber que ao ser tolerante não significa dizer que preciso aprovar e aceitar tudo, mas que devo respeitar as ideias, opiniões dos outros.

A tolerância é um valor fundamental para quem vive em sociedade, é basicamente o equilíbrio da sociedade. Quando se desconsidera esse valor, cresce o preconceito, o desrespeito, a exclusão, as inimizades.

A escola tem um papel importantíssimo que é resgatar o sentimento de tolerância, dentre outros valores que estão se perdendo, e que são imprescindíveis ao convívio social. Ensinando as crianças e aos adolescentes desde cedo os valores poderemos construir uma sociedade mais justa, harmoniosa. Com a tolerância poderemos conquistar a paz, o respeito, o bem e a dignidade humana.

Não poderíamos deixar de fazer uma reflexão sobre a prática docente, tendo em vista a sua relevância na construção dos valores antes citados, em sala de aula.

1.2 A PRÁTICA DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DE VALORES

No sistema educacional brasileiro, ainda há escolas com um trabalho direcionado para uma educação “bancária”, que no dizer de Freire (2013) não permite o questionamento em relação à formação de valores, isto é, ao menos os valores que deveríamos ser livres para cultivar. Entretanto, para que ocorra o contrário, a escola e o educador são fundamentais para a construção e a permanência dos valores.

Segundo LIBÂNEO apud CARDOSO, (2006, p. 310),

Como docente, necessita de preparo profissional específico para ensinar conteúdos, dar acompanhamento individual aos alunos e proceder à avaliação da aprendizagem, gerir a sala de aula, ensinar valores, atitudes e normas de convivência social e coletiva.

Desse modo, percebemos que o/a professor/a precisa além de ensinar conteúdos deve também ensinar os valores, ou melhor, construir juntamente com os alunos atitudes que possibilitem o convívio harmonioso, dentro e fora da escola.

Não podemos deixar de considerar a existência da diversidade cultural que possibilita a criação de novos espaços do conhecimento, a vista disso, é possível reunir a prática de valores, aos elementos da diversidade cultura, por exemplo, as experiências dos alunos seus conhecimentos do cotidiano, de modo a permitir uma maior participação, enquanto aluno e, também, como um cidadão. Logo, aproveitar didaticamente questões dos valores amplia os horizontes dos alunos.

Todavia, quando as questões em torno dos valores não são aproveitadas são muitas as consequências negativas, entre outras a relação professor/aluno, em que o autoritarismo se “confundia” com autoridade de professor (FREIRE, 2001). Por conseguinte, o papel do professor consiste apenas em depositar informações aos alunos, como se os mesmos fossem desprovidos de conhecimentos, e, por sua vez, a escola o único lugar onde eles pudessem

aprender. A essa educação Freire, nomeou de “Educação Bancária”, em que a prática é pautada na dominação. Desde logo, uma pedagógica considerada como alienada e alienante, onde não existe diálogo, comunicação, não há criatividade, transformação, não forma indivíduos com consciência crítica, que ao ver a realidade da sociedade existente possa transformá-la em uma sociedade melhor.

A “Educação Bancária” tem como objetivo a manutenção da conscientização ingênua do povo. São características da educação bancária:

- a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos; (FREIRE, 2005, p. 68).

Prosseguindo com o pensamento de Freire (2005), a narração os transforma os educandos em vasilhas, em recipientes que vão ser enchidos pelo educador, ou seja, o professor narra à aula, depositando apenas informações, para que o aluno memorize ou decore sem nenhum questionamento. Desse modo o educador sabe de tudo e o aluno nada sabe.

Entretanto, apesar de muitas críticas a esse modelo tradicional de educação onde o professor apresenta-se, como único detentor de conhecimento, ainda existe muitos professores que colaboram para esse modo tradicional, vemos avanços na prática alicerçada na educação libertadora, onde prevalece a humildade do professor em reconhecer que ele não sabe de tudo e ele está ali para ensinar e aprender junto com os seus alunos.

Segundo Portal (2001, p.115):

Ser professor hoje exige um novo perfil, uma nova postura, caracterizada por uma atitude: pró-ativa, crítica, empreendedora, com habilidades de socialização, facilidades em trabalhar em e com equipes, num imperativo trazido pela planetarização, globalização, pelo conectar-se em um processo de interdependência, de colaboração, de cooperação, de interatividade que desafiei a hiperespecialização, que limita, restringe, separa e fragmenta, impedindo de ver o global e onde o essencial se dilui, fechando-se em si mesmo.

Com isso, compreendemos que uma das práticas do professor é a construção de laços relações, juntamente com seus alunos, respaldadas na ternura e na afetividade, a partir do respeito ao próximo. Pois, segundo Portal (2001, p. 119) “há muitos séculos a ternura, e a afetividade, foram banidas do âmbito da educação. No trabalho [do professor] só conta a eficiência e o profissionalismo e nada contam as formas de lidar com os sentimentos”. Sendo assim, o professor deve buscar ser um ser espiritualizado, ou seja:

[...] trazer para a vida: fraternidade, solidariedade, respeito, ajuda mútua. É perceber que “nada separa do nada”, é a busca da unidade do ser humano, do transcendente. Transcendência compreendida como qualidade de exceder, ultrapassar, elevar-se acima de... refere-se ao aprofundamento da condição do ser, à consciência de pertinência a um plano maior de existência, ao autoconhecimento, à sensibilização para a questão dos valores humanos. (PORTAL 2001, p.119).

Nesse contexto, somente desta forma, isto é, por meio uma prática docente, fundamentada na construção de valores, o professor irá contribuir de forma respeitosa, com ele e, principalmente, com os educandos. Portanto, uma prática fundamentada na construção de valores é imprescindível na escola porque os valores constituem o alicerce sobre o qual se estrutura o ser humano, e nesse sentido, educar com valores é contribuir na formação de indivíduos que se preocupam em serem pessoas sensatas e buscam contribuir para a construção de um mundo melhor.

São muitos os caminhos que a educação busca para alcançar um ensino que garanta um aprendizado eficiente e produtivo, e, acima de tudo seja prazeroso para os alunos. Para tanto se faz necessário a busca incessante de estratégias didáticas, inovadoras e prazerosas. Entre outras apresentamos o lúdico, um recurso didático dinâmico capaz de possibilitar resultados eficazes no ensino aprendizagem. Entretanto, deve ser cuidadosamente planejado para que no momento de sua realização o objetivo da atividade lúdica seja alcançado.

Desde logo, a atividade lúdica é uma importante ferramenta para o trabalho pedagógico, visto que contribui para a aprendizagem, desde aulas dinâmicas, que proporciona a participação do aluno, a sua vontade de aprender, o seu interesse pelo conteúdo que está sendo estudado, até a socialização do aluno para com outros alunos e com o professor, com segurança e autonomia. Dessa forma, percebemos a importância dos educadores trabalharem no âmbito escolar as atividades lúdicas.

Portanto, é papel fundamental do professor construir uma prática pedagógica capaz de contribuir com a formação de cidadãos, quer dizer, capaz de desenvolver um pensamento

crítico sobre a realidade em que vive e, estimular a criatividade para que assim sejam capazes de construir e reconstruir novos conhecimentos.

Enfim passamos a refletir sobre o tema central da nossa pesquisa.

1.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Se buscarmos o significado do termo violência nos dicionários de português, encontraremos exposto como uma “qualidade de violento; ato violento; ato de violentar; agressão” (BUENO, 2000, p. 80).

O sociólogo Joron e o filósofo Michaud consideram a violência baseado a “etnologia latina, a *violentia* significa uso da força. O verbo *violare* indica uma referencia à transgressão, à profanação, ao uso de vias proibidas” (JORON apud ASSIS, 2014, p. 51) reforçando, Chauí conceitua violência como “tudo o que abrange a força para ir contra a natureza de algum ser”. Chauí (apud ASSIS, 2014, p. 51).

A violência se revela por meio da agressão física, do abuso da força, podendo ter caráter moral e psicológico. Ocorre no destruir e negar o outro, podendo ser no “plano físico, psicológico ou ético” Assis (2014, p. 52), estando presente em diversos ambientes como nas ruas, nas famílias, nas escolas etc. É um fenômeno que sempre esteve presente na humanidade, todavia vem crescendo assustadoramente na contemporaneidade, lamentavelmente, já faz parte da vida do povo, seja ela em grandes cidades ou em pequenas cidades.

Muitas vezes o fenômeno da violência acontece de forma silenciosa, passa despercebida e ainda em muitos lugares acontece como uma ação natural, normal, por exemplo, a invasão da violência pelos meios de comunicação como: a televisão (jornais, novelas, filmes, até mesmo nos desenhos infantis). No entanto, ela não é a única forma de transmitir a violência, outra fonte é a internet. Ela “se torna uma fonte para a violência, uma vez que possibilita aos internautas *sites* com linguagens virtuais e reais de tortura, assassinatos, enfim, muitas outras formas de violência” (ASSIS, 2014, p. 102), que podem estimular crianças e adolescentes a atitudes violentas, tendo em vista que

[...] as imagens da violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que é em suma: banal, criando, assim, um hábito entre a experiência anestesiada e as provas da realidade, raras, mas muito mais fortes (MICHAUD apud ASSIS, 2014, p. 102-103).

Nesse sentido, por ser o ato de violência visto como algo normal e comum, facilmente invade os diversos ambientes como: o ambiente familiar, escolar e do trabalho, entre outros, apresentados sob a forma de preconceito e discriminação, com cenas de desrespeito, agressividade, que levam o ato da violência.

A despeito disso, a escola deve ser um “espaço de relações. Relações movidas pela ternura, pela humanização e não movidas por violências” (ASSIS, 2014, p. 89). Além de ser um espaço de aprendizagem, de construção do conhecimento, de troca de experiências, a escola deve ser também um espaço harmonioso onde haja amor, amizade, humildade, solidariedade, um espaço sem preconceito, ou discriminação. Além do mais deve proporcionar aos seus alunos atividades que os motivem, que lhes tragam alegria, vontade de aprender, que sejam levados a pensar, só assim, temos sujeitos pensantes, participativos que irão fazer a diferença na sociedade.

Para que se possam buscar soluções e evitar a violência na escola é preciso entendê-la não como um fenômeno isolado, mas

[...] como parte de um processo mais amplo, que diz respeito ao contexto social como um todo. Logo, qualquer esforço para compreender as razões que promovem a violência, não bastam habilidades ou saberes acumulados com a experiência, mas é preciso reconhecer as especificidades de cada situação, compreender os processos que produzem a violência, como um componente da vida social. (ASSIS, 2014, p.90).

Ou seja, é preciso perceber a violência na escola como um fenômeno que faz parte da vida social, antes mesmo de identificar suas causas, por isso é preciso compreender que o aluno já chega à escola com suas experiências e histórias de vida, bem como, que não há um culpado, por exemplo, a família, a escola, a sociedade, ao sistema, mas, cabe igualmente, a responsabilidade da escola da família, do Estado e da sociedade, com o respeito, o cuidado, a atenção para com os alunos, buscando assim, alternativas para prevenir e combater a violência.

Quanto à escola, por exemplo, deve proporcionar ao aluno práticas educativas, em que ele passe a entender que é um sujeito de direitos, mas também de deveres, por meio da criação de situações que envolvam a relevância dos valores, em especial do respeitar o outro, que bem trabalhadas, certamente conduzem o aluno a se sentir valorizado, participando e sendo levado a refletir.

Em seguida iremos refletir sobre o preconceito e discriminação.

1.4 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Se buscarmos o significado do termo preconceito nos dicionários de português, encontraremos exposto como um “conceito antecipado; opinião formada sem reflexão” (BUENO, 2000, p. 617). O prefixo PRE aponta antecedência, ou seja, algo que vem antes. Já CONCEITO significa algo concebido, aquilo que se concebe no pensamento sobre algo ou alguém, juízo que se faz de algo. Dessa forma, preconceito é um conceito ou opinião formada previamente sem reflexão sobre determinada pessoa ou objeto. Percebe-se o perigo em sua adoção, pois como podemos ter um juízo certo sobre algo antes mesmo de conhecê-lo?

Guimarães (2004, p. 18) aponta que “o preconceito pode manifestar-se, seja de modo verbal, reservado ou público, seja de modo comportamental, sendo que só neste último caso é referente como discriminação”. Alguns preconceitos mais comuns existentes na sociedade são por: cor, religião, sexo, aparência física e classe social. Tudo aquilo que é diferente, que foge do padrão estabelecido é discriminado, partindo da ideia que o que é diferente não é digno de respeito. O preconceito é uma construção histórica, social e cultural, sendo firmado por ideologias.

Por conseguinte, a vivência de valores no âmbito escolar possibilita aos educandos o respeito mútuo as diferenças, a tolerância, a solidariedade e ao amor ao outro. Ao trabalhar os valores na escola os alunos poderão se desenvolver como pessoas humanas, sem praticar o preconceito e discriminação.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Com o objetivo de alcançarmos o que propomos na pesquisa, isto é, investigar as diferentes causas da violência na escola, assim como, a construção de valores humanos construídos em sala de aula, para prevenir e combater a referida violência, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental na cidade de Queimadas – PB, torna-se imprescindível nesse percurso, delinear o método de estudo, uma vez que, através dele é possível cientificamente, a obtenção dos dados e os procedimentos de análise dos mesmos.

Para tanto, nos ancoramos na metodologia qualitativa, por ser “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” Bogdan e Biklen (1994, p.11), numa abordagem em que a sua análise é desenvolvida como um Estudo de Caso, por ser uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente. Esta definição determina suas características que são dadas por duas circunstâncias. Por um lado, a natureza e abrangência, da unidade. Por outro lado, a sua complexidade está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação em seu trabalho ao investigador Triviños (2008).

2.1 UNIVERSO DA PESQUISA

Realizamos a pesquisa em uma escola municipal da cidade de Queimadas – PB, situada no Sítio Castanho, zona rural da cidade. A escola tem uma estrutura pequena, sendo constituída da seguinte maneira:

- 3 salas de aula – ensino regular;
- 1 sala do Mais Educação, esta sala também funciona como sala de jogos;
- 1 cozinha;
- 1 despensa;
- 1 secretaria;
- 2 banheiros;
- 1 pátio.

A escola funciona nos turnos manhã e tarde. Possui 14 funcionários sendo: uma gestora, uma coordenadora, seis professoras, um auxiliar na parte de apoio, duas merendeiras e três auxiliares de serviços gerais.

2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Em uma pesquisa qualitativa os sujeitos devem ser definidos e submetidos a um processo de seleção, nesse contexto elegemos: 4 professoras, que lecionam do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

As professoras possuem formação acadêmica em Pedagogia, sendo que uma ainda está cursando e outra professora possui especialização em Coordenação e Supervisão e mestrado em Ciências da Educação, e tempo de serviço entre 12 anos e 9 meses.

A gestora da escola, com formação acadêmica em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e tempo serviço 9 meses nessa função, tendo 5 anos em sala de aula.

4 alunos do 5º ano. Os alunos são 3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, com idade entre 10 a 11 anos.

2.3 COLETAS DE DADOS

Coletamos os dados por meio de questionário (APÊNDICES), por ser “constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” Marconi; Lakatos (2003, p. 201), elaborado com questões abertas, simples, a fim de possibilitar aos participantes, respostas espontâneas sem qualquer persuasão da nossa parte.

As questões adotadas nos questionários são:

Para as professoras

- Visão pessoal sobre violência no ambiente escolar.
- Visão pessoal sobre preconceito
- Tipos de violência entre os alunos na sala de aula.
- Visão pessoal sobre valores humanos
- Projetos sobre os valores humanos a partir do respeito ao outro.

Para a gestora

- Visão pessoal sobre violência no ambiente escolar
- Violências existentes na escola
- Projetos para prevenir e combater a violência na escola
- Projetos voltados para os valores humanos a partir do respeito ao outro

Para os alunos

- Entendimento sobre preconceito
- Violência aluno-aluno em sala de aula
- Ações do professor diante de violências

Quanto às observações, também como coleta de dados, é porque,

[...] apresenta como principal vantagem em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social tende a ser reduzida (GIL, 2007, p. 110).

Diante disso a nossa intenção consiste em observar os alunos durante o recreio.

2.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para a análise e a interpretação dos dados utilizamos a técnica de **Análise de Conteúdo**, definida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (FRANCO, 2012, p. 22).

Desde logo, a análise e a interpretação dos conteúdos obtidos se enquadram na condição dos passos ou processos a serem seguidos. A análise de conteúdo organiza-se em três fases:

1- A pré-análise;

2- A exploração do material; e

3- O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. (BARDIN, 2004, p. 89).

A pré-análise, ou a fase propriamente dita, ou seja, quando fizemos a leitura do material selecionado, procedemos à releitura, para nos certificarmos quanto às decisões, diante das ideias que estavam se delineando.

A segunda fase, a escolha do material constitui o “universo de documentos de análise, assim, *a priori*, convém optar por documentos susceptíveis a fornecer informações sobre o problema.

A terceira e última fase, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, considerada o momento inferencial, momento em que relacionamos de modo mais aprofundado o texto com o contexto. (BARDIN, 2004),

Portanto, essa é a nossa caminhada metodológica: pesquisa qualitativa, estudo de caso e análise de conteúdo que, sem nenhuma dúvida, além de auxiliar na condução do estudo em pauta, nos fez acreditar na relevância dos resultados.

3 O QUE PENSAM OS SUJEITOS DA PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Iniciamos essa análise apresentando as questões pesquisadas e as respostas dos sujeitos da pesquisa, considerando que é com base nas indagações abaixo que iremos analisar de forma sucinta as respostas da gestora, das professoras e dos alunos da Escola Municipal de Ensino, conforme citado anteriormente.

3.1 ENTENDIMENTO ACERCA DE VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Gestora

A cultura que enlaça a violência escolar plana por vários aspectos, a saber: psicológica, como discriminação por cor, situação econômica, aparência/fenótipos, e ainda a violência física gerada por desentendimentos. Essa prática, como sabemos, é presente no cotidiano escolar, mas é com grande responsabilidade que nós profissionais da área, atendendo às políticas públicas, elaboramos meios de combater a violência escolar.

Professoras

A violência no ambiente escolar acontece quando as crianças colocam apelidos e discutem por qualquer motivo.

É todo comportamento que feri o bem comum, o respeito mútuo; a exemplo de, xingamentos, violência física e velada.

Entendo que a violência na escola, acontece por um conjunto de fatores, partindo do princípio familiar, pois as crianças reproduzem na escola o que vivem e partilham em seu âmbito familiar, quando muitos conflitos no ambiente escolar.

Violência é qualquer ato contra outra pessoa, seja verbal ou física.

Diante das respostas, fica notória a ambiguidade acerca da violência escolar. Contudo, a gestora aponta que a violência escolar pode ocorrer por diversos aspectos como: discriminação por cor, situação econômica, aparência e violência física. Uma das professoras acredita que a violência na escola acontece por um conjunto de fatores, sendo que as crianças levam para escola o que vivenciam no âmbito familiar, gerando assim, conflitos na instituição de ensino. Os demais professores conceituam a violência na escola como atos de agressão verbal, física, xingamentos, apelidos, tudo aquilo que fere o bem comum.

Evidentemente, a violência sempre existiu e que, no ambiente escolar também não é uma realidade nova, considerando que ela se traduz em um fenômeno na composição da sociedade. Segundo Assis (2014, p. 90) “o ambiente escolar se configura como um espaço de violência ou situações de violências envolvendo crianças e adolescente, com brigas, invasões, depredações, tornando a escola palco de conflitos”. A escola não é mais caracterizada por um lugar seguro, o que temos é “um cenário de ocorrências violentas, de relações em permanentes tensões, prevalecendo a desconfiança, e não a paz serena”. (ASSIS, 2014, p. 90). Isso é lamentável, pois a escola deveria ser um espaço de troca de conhecimentos, de amizade, amor, respeito e não de falta de respeito, discriminação, xingamentos, agressões, práticas que ferem o bem comum e que causam inseguranças.

3.2 COMPREENSÃO SOBRE PRECONCEITO

Gestora

A própria nomenclatura nos responde pontuando que essa palavra é um conceito criado antes mesmo de conhecer a coisa concreta. Se pensarmos na palavra/léxico no âmbito dos estudos semânticos, ou seja, a partir do sentido verificamos várias possibilidades: Discriminação, racismo, são tipos de violência psicológica tão presente em nossos bancos escolares.

Professoras

Opinião negativa contra pessoas, discriminar alguém pela cor da pele, por opção sexual.

Bem, é quando eu acredito ser melhor, ser superior ao outro. Ou seja, o que não estar igual a mim é inferior... daí, eu menosprezo.

Compreendo que o preconceito esta na mente de pessoas que são ignorantes do saber da sociedade moderna, tudo o que se relaciona ao preconceito deveria ter uma punição na qual a educação fosse inserida nessas pessoas. O preconceito está em quem crítica o próximo.

Preconceito é qualquer ato de exclusão.

Alunos

Acho que é xingamentos.

Para mim preconceito são brincadeiras de mau gosto, porque é um desrespeito com a pessoa, se a pessoa não quer esses apelidos que eles inventam.

É xingar o outro por causa da cor. Às vezes falam que um é melhor do que o outro.

Para mim preconceito de cor, de cabelos, olhos. Preconceito é não aceitar o outro como ele é.

Para expor sua compreensão sobre preconceito a gestora se apóia na nomenclatura da palavra e nos estudos semânticos. Define então como sendo um conceito criado antes mesmo de conhecer a coisa concreta e mostra as várias possibilidades do preconceito. Na resposta da professora A observamos o preconceito como sendo uma opinião negativa contra os sujeitos que tenham o padrão diferente daquele que a sociedade dita como o correto, exemplo, discriminar uma pessoa pela cor da pele, por opção sexual. A definição dada por uma professora é semelhante a da outra, pois, enquanto uma aponta o preconceito como sendo uma atitude de superioridade, acreditando que aquilo que não está igual a mim, ao que a sociedade determina como correto é inferior e é menosprezado. A outra acredita que o preconceito está na mente das pessoas e está em quem critica o próximo, ou ainda, como qualquer ato de exclusão. As respostas dos alunos são semelhantes, envolvendo sempre o preconceito como sendo xingamentos, apelidos, brincadeiras de mau gosto e não aceitando o outro como ele é.

Corroboramos com Cortela; Ferraz (2014, p. 14), em que o preconceito é uma “uma adesão automática a uma ideia, a uma pessoa, a uma concepção, a um posicionamento sem fundamento de reflexão”, ou seja, opinião ou conceito formado antecipadamente sem reflexão sobre determinada pessoa, ideia e concepção.

3.3 LIVROS REFLETIDOS A RESPEITO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA SOB A FORMA DE PRECONCEITO

Gestora

Não li livros, mas li artigos relacionados ao assunto.

Professoras

Não li um livro específico só artigos pesquisados na internet.

Bem, não cheguei a ler livros, mas textos isolados nos planejamentos. Também temos uma coletânea disponibilizada pelo MEC que nos orientam.

Não cheguei a ler livros, mas toda e qualquer informação recebida, foi através de jornais, revistas e aulas expositivas na universidade.

A Violência na Escola – Éric Debarbieux e Bullying – Leandro Bassini.

As opiniões nos mostram que a maioria dos sujeitos da pesquisa não leu livros a respeito de violência na escola sob a forma de preconceito, apenas uma das professoras leu dois livros: A Violência na Escola – Éric Debarbieux e Bullying – Leandro Bassini. Mesmo

não lendo livros as professoras procuram informações sobre o assunto através de jornais, revistas, artigos e textos isolados nos planejamentos.

Para prevenir, enfrentar e combater a violência na escola o professor deve acreditar sempre que a realidade pode ser mudada, não deve desanimar, acomodando-se. O professor precisa “inserir-se permanentemente num processo de formação continuada, tendo em vista que, entre outros fatores, alguns professores, no seu exercício de docência, desprezam, desconsideram, denigrem, agem com preconceito, discriminação” (ASSIS, 2014, p.116). Assim sendo, o educador deve refletir criticamente sobre sua prática, pensando sobre sua prática de hoje e de ontem podendo melhorar a prática futura.

3.4 OS TIPOS DE VIOLÊNCIA EXISTENTES NA ESCOLA ESPECIFICAMENTE EM SALA DE AULA

Gestora

Violência psicológica predomina com os velhos apelidos desagradáveis, o que hoje entendemos como Bullying e algumas vezes a violência física, essa em casos pouco freqüentes.

Professoras

Apelidos e brincadeiras que acabam gerando brigas por motivos banais.

Xingamentos, violência física: empurrões.

Geralmente são em forma de insultos.

Bullying.

Alunos

Às vezes tem brigas, mas é mais xingamentos e palavrões. Começa com os xingamentos depois começa as brigas com os palavrões.

Muito xingamentos, apelidos de mau gosto, são mais os meninos que xingam. As vezes brigam uns com os outros, também batem na menina que é deficiente, mas só acontece quando a professora não esta.

Xingamentos. Um xinga o outro, isso é ruim. Tem dois meninos que sempre xingam eu e minhas amigas, tudo o que acontece colocam culpa na gente. Eles também brigam um com o outro, tem uma menina deficiente que eles mexem com ela, puxam o cabelo, dão chute, derrubam ela quando a professora não esta na sala de aula.

Gostam muito de apelidar, apelidos de mau gosto. Gostam muito de me apelidar de “cadela”.

A fala demonstra que a violência está presente no dia a dia da comunidade escolar, e a mesma se manifesta de diversas formas: agressões verbais, psicológicas e pouco comuns agressões físicas. Os xingamentos, apelidos, insultos, palavrões predominam. Segundo Cortella e Ferraz (2012, p. 61) os “apelidos vexatórios, fofocas, piadas de mau gosto, atitudes agressivas e gozações são exemplos de assédios triviais, aqueles que imagináramos de menor proporção, mas que, à medida que se avolumam, atingem a vida da pessoa de maneira mais intensa e direta”, ou seja, as palavras de mau gosto, os xingamentos e insultos também machucam e humilham, às vezes atingem proporções maiores do que mesmo as agressões físicas, mechem com os sentimentos das pessoas.

3.5 AÇÕES DIANTE DE VIOLÊNCIA ENTRE ALUNOS

Gestora

Os alunos envolvidos são chamados para uma conversa, ao qual objetivamos conscientizá-los para acabar com essa atitude em nossa escola, e que o problema pode ser resolvido por meio da conversa havendo a continuação da prática os pais são chamados para tentar solucionar o problema.

Professoras

Conversando sobre o assunto e tentamos resolver através do afeto e do diálogo.

Trabalho de maneira preventiva, contudo, mesmo assim, me deparo com violência, daí, converso sobre o que aconteceu, mostro os danos, chamo a família, comunico a direção.

A princípio converso com eles e falo que a violência não vai levar a lugar algum, caso eles persistam, os pais são comunicados a comparecer na escola para resolver a situação com a escola.

Realizo intervenções e dialogo com a turma sobre o ocorrido.

Alunos

Dá cartões e leva para a diretoria.

A professora conversa e diz que não pode fazer isso e pede para pedir desculpas, também manda para secretaria.

Às vezes manda para diretoria e o aluno vai para casa levando suspensão.

Quando ela vê os apelidos ela fala com a pessoa para parar e quando não resolve ela dá uma suspensão e também leva para a diretoria.

Percebemos que diante da violência entre os alunos, a gestora e as professoras conversam com os alunos procurando solucionar o problema, sempre existindo o afeto e o diálogo, quando não é resolvido o problema os pais são convocados a comparecer a escola. Na fala dos alunos observamos que existe realmente o diálogo, mas que quase sempre os alunos são levados até a secretaria, ou seja, acabam sendo excluídas da sala de aula, lamentavelmente, ainda é uma prática é muito usada para tentar resolver os conflitos.

Tognetta (2010, p. 74) nos leva a refletir sobre a exclusão do aluno da sala de aula, nos mostrando que

[...] No momento em que o professor exclui um aluno da sala de aula, este “soluciona” o problema de imediato, mas esta solução pode ser caracterizada como utopia, já que em outro momento o aluno continuará a desrespeitar as regras, pois não houve uma discussão sobre o ato cometido e, concomitantemente, não houve a tomada de consciência do aluno sobre a regra desrespeitada bem como, sobre as consequências dos seus atos.

Ou seja, quando o educando é colocado para fora de sala de aula não há nenhum aprendizado, pois não há nenhuma reflexão sobre o ato cometido e ele não irá conscientizar-se sobre o que fez. Esse ato de punição poderá ser transformado pelo aluno em “estratégia a ser utilizada quando não quiser permanecer na sala, pois saberá que determinadas atitudes o levarão a ficar fora deste local” (TOGNETTA, 2010, p. 75).

3.6 DESENVOLVIMENTOS DE PROJETOS PARA PREVENIR E COMBATER A VIOLÊNCIA

Gestora

A escola, sendo uma instituição reprodutora do conhecimento é responsável por inserir no seu currículo os temas transversais, esses contemplam a temática da violência nas escolas. Atendendo a essas premissas educacionais trabalhamos com o desenvolvimento de projetos de intervenção pedagógica.

Professoras

Esse ano não tivemos um projeto específico sobre o tema, mas ao longo do ano sempre tocamos no assunto quando acontece algo relacionado a violência.

Sim. Sequências didáticas com livros: Quem tem medo do ridículo? (Ruth Rocha). Menina Bonita do Laço de Fita (Ana Maria Machado), etc.

Não, pretendo desenvolver um projeto de conscientização acerca do tema na escola junto com os professores e alunos.

Sim. Trabalho com projeto sobre Bullying na perspectiva escolar de Leandro Bassini.

A fala da gestora aponta que a escola atende as exigências educacionais com o desenvolvimento de projetos relacionados à temática da violência na escola. No entanto, na fala das professoras apenas duas desenvolvem projetos sobre o tema, inclusive, uma das falas explicita que esse ano não houve projeto específico sobre a temática, isto é violência na escola, sendo assim, percebemos que o tema sobre violência na escola às vezes é deixado de lado, dando a entender que se priorizam outras questões.

Segundo Assis (2014, p. 114) com a elaboração de projetos sobre violência na escola é proporcionado ao educador

[...] teorias e práticas capazes de descortinar os tabus associados às violências, e, com isso, garantir-lhes a capacidade não só para identificar as manifestações de violências, mas, sobretudo, de antecipar-se a elas, prevenindo-as. Logo, o projeto propicia à escola ferramentas necessárias para a criação um espaço possível a discussões acerca da violência, para melhor enfrentá-la, como com ela lidar e, certamente, como estreitar as relações com a comunidade.

Ou seja, o projeto surge como possibilidade de mudança da realidade existente, ao identificar as manifestações de violências é possível preveni-las, enfrentá-las e combatê-las. O projeto é uma construção coletiva envolvendo gestores, coordenadores, professores, alunos, toda a equipe escolar, juntos por um mesmo propósito desconstruir a cultura da violência, combatendo o preconceito, discriminação, exclusão e às demais “violações aos direitos da criança e do adolescente” (ASSIS, 2014, p. 115).

3.7 A EXISTÊNCIA DE PROJETOS NA ESCOLA PARA O RESGATE DOS VALORES HUMANOS

Gestora

Sim, esses projetos fazem partes do currículo escolar, atendendo os parâmetros curriculares nacionais, LDB e Lei 10. 639/03, entre outros documentos oficiais. A nossa política escolar toma como base a elaboração desses projetos viabilizando não só a aquisição do conhecimento, mas inserindo o aluno em um contexto social e real.

Professoras

Sim, todos os dias nas rodas de conversa falamos sobre respeito e valores.

Com certeza, sim! Além de ser uma “exigência”, sugestão da secretaria de educação, é preciso, pois a nossa clientela apresenta necessidades de entender que vivemos pautados em regras e em valores. Eles não sabem, ainda não entendem que temos direitos, mas também temos obrigações.

Sempre trabalho, pois são valores que nunca devem ser deixados de lado. O respeito é uma das bases na educação tanto na escola quanto na família.

Sim. Esse tema é abordado nas aulas de ensino religioso durante todo o ano letivo.

Percebemos que a escola juntamente com as professoras trabalha a questão dos valores. Os valores precisam estar presentes no âmbito escolar, na ação de cada professor, devendo ser vistos não apenas como uma disciplina, mas como aprendizagem e vivência. Os valores devem ser construídos e refletidos, não podendo ser impostos.

Na fala da gestora ela aponta alguns dos documentos oficiais que reconhecem a importância dos valores na educação escolar, como: Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB em que a escola segundo ela toma como base a elaboração desses projetos.

Nas respostas das professoras percebemos que os valores são considerados relevantes no ambiente escolar, trabalhando nas rodas de conversa, nas aulas de ensino religioso e nas demais aulas, reconhecem que os valores não podem ser deixados de lado.

Em relação aos valores, os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que:

Incluir explicitamente o ensino de valores e o desenvolvimento de atitudes no trabalho escolar não significa, portanto, tomar como alvo, como instrumento e como medida da ação pedagógica o controle de comportamentos dos alunos, mas sim intervir de forma permanente e sistemática no desenvolvimento das atitudes. Apesar de ser um trabalho complexo, é necessário acompanhar de forma cuidadosa o processo dos alunos para compreender seus comportamentos no contexto amplo do desenvolvimento moral e social (2001, p. 45-46).

Ou seja, os valores não devem ser impostos simplesmente aos alunos, é preciso que haja uma construção coletiva. O objetivo dos valores não é controlar os comportamentos dos educandos, mas sim, intervir permanentemente e sistematicamente no desenvolvimento de atitudes.

O professor pode trabalhar os valores de diferentes formas, exemplos, de forma interdisciplinar, com atividades lúdicas e reflexivas, entre outras.

A formação de valores no âmbito escolar possibilita aos alunos o respeito às diferenças, à tolerância, à solidariedade com os colegas, com professores, funcionários e demais pessoas de seu convívio, proporciona assim, o desenvolvimento de pessoas humanas e conseqüentemente uma sociedade melhor.

Portanto, diante das opiniões dos sujeitos pesquisados em torno dos diferentes tipos de violência na escola constatamos que a violência que mais se expressa na escola é a violência verbal, que se caracterizam como xingamentos, apelidos, palavras de baixo calão, palavras que machucam tanto quanto uma violência física, inclusive, com as associações aos animais. Cortella; Ferraz (2012, p. 51) apontam que “um dos artificios usados por quem deseja inferiorizar a outra pessoa é tirar dela as características de ser humano”, tirando assim sua humanidade. Cortella e Ferraz (2012, p. 54) ainda falam que o tema sobre preconceito deve ser tratado dentro da escola, porque assim haverá a “irradiação da consciência em relação à recusa do preconceito para as demais esferas da vida coletiva”. Assim, cabe a escola e aos professores tomarem consciência e trabalharem sobre o tema em sala de aula no combate ao preconceito, pois, não “basta fazer um discurso sobre o preconceito, é preciso que as vítimas de várias naturezas consigam se expressar”, o professor deve parar, olhar e escutar dá a chance das vítimas desabafarem, só assim o educador poderá resolver as situações que envolvem o preconceito.

Quanto as nossas observações consta o seguinte: em relação ao horário do recreio nos relataram que acontecia em horários isolados, primeiro a turma do infantil e em seguida a turma do 2º ano (no turno tarde). Já o recreio da manhã, primeiro saiam as turmas do 3º e 4º ano e em seguida a do 5º ano. Mas isso não aconteceu na realidade, as vezes em que observamos o recreio, as turmas dos 3º, 4º e 5º ano lanchavam e recreavam no mesmo horário. Alguns alunos ficavam no pátio, outros ficavam nas salas de aula, quando terminavam de lanchar alguns brincavam com jogos na sala de aula e outros alunos corriam pelo pátio e pelas salas de aula.

Em quase todo momento foi possível perceber que os alunos apresentavam atitudes de desrespeito e ficavam provocando um ao outro, com agressões verbais como: xingamentos, apelidos, palavrões, isso resultava em brigas, sendo elas a situação limite entre discussões e empurrões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa por nós desenvolvida sobre violência na escola na Escola Pública Municipal, localizada no município de Queimadas – PB, cujo objetivo é investigar as diferentes causas das violências na escola, assim como, a construção de valores humanos construídos em sala de aula, para prevenir e combater a referida violência, apresenta uma realidade não muito diferente das demais escolas. Contudo, por meio das análises e discussões realizadas podemos perceber que a violência no âmbito escolar não pode mais ser negligenciada, sendo assim, é muito importante que as autoridades públicas, família, professores e a sociedade se unam para combater às diversas formas de violência introduzida na escola, que deixou de ser um lugar seguro de socialização, de trocas de conhecimentos, amor, amizade, respeito, para se tornar palco de várias cenas violentas.

Diante, das respostas e das observações em torno dos diferentes tipos de violência na escola foi possível constatarmos que a violência que mais se expressa na escola é a violência verbal, caracterizando-se como xingamentos, apelidos, palavras de baixo calão, palavrões que fere tanto quanto uma violência física, inclusive, com associações aos animais.

Seria relevante que a escola juntamente com todas as professoras desenvolvesse um projeto relacionado à temática violência na escola, valores, não é porque não se teve um projeto específico sobre o tema vindo da secretaria que a escola não possa trabalhar, como citamos anteriormente nem todas as professoras estão desenvolvendo projetos sobre o referido tema. O projeto possibilitaria a mudança da realidade existente, ao identificar as manifestações de violências elas seriam prevenidas, enfrentadas e combatidas.

A escola e o professor são fundamentais para a construção e a permanência dos valores, sendo assim, é preciso que se ensine além dos conteúdos, os valores, ou melhor, construir com os educandos atitudes que proporcionem o convívio harmonioso, dentro e fora da escola, a vivência de valores no ambiente escolar possibilita aos alunos o respeito mútuo as diferenças, a solidariedade, o amor ao outro, desenvolvendo sujeitos que iram atuar na sociedade de forma humana, sem praticar nenhum tipo de preconceito e discriminação.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Célia de. **Violência na Escola:** compreensão de um fenômeno social em João Pessoa – Paraíba – Brasil. João Pessoa: A União, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa – Portugal : Edições 70 LDA, 2004.

BOGDAN Robert, BICKLEN Sári. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1994.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. **Diário Oficial da União,** Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** apresentação dos temas transversais e ética. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa.** São Paulo: FTD, 2000.

CARDOSO, Ivanilda Mota. **Valores Humanos:** o princípio de uma educação de excelência. Web artigo. 20 de jul. 2006.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade** – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente, 2008.

_____. **Pedagogia do Amor.** São Paulo: Editora Gente, 2003.

CORTELLA, Mario Sergio, FERRAZ, Janete Leão. **Escola e preconceito:** docência, discência e decência. São Paulo: Ática, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito e discriminação.** São Paulo: ED. 34, 2004.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo.** 4 ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância:** organização, apresentação e notas Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; IRA Shor. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

PORTAL, Leda Lísia. O professor e o despertar de sua espiritualidade. In: ENRICONE, Dêlcia (Org.) **Ser professor.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino *et all.* **Um panorama geral da violência na escola... e o que se faz para combatê-la.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

QUESTIONÁRIO APLICADO COM A GESTORA

- 1- Qual a sua formação?
- 2- Tempo de serviço:
- 3- Qual é o seu entendimento acerca de violência no ambiente escolar?
- 4- Qual é a sua compreensão sobre preconceito?
- 5- Quais são os livros que você leu a respeito de violência na escola sob a forma de preconceito?
- 6- Quais são os tipos de violência existente na escola?
- 7- Quais são as suas ações diante de violência entre alunos?
- 8- A escola desenvolve projetos no sentido de prevenir e combater a violência?
- 9- É trabalhado na escola projetos voltados para os valores humanos a partir do respeito ao outro?

APÊNDICE B

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS PROFESSORAS

- 1- Qual a sua formação?
- 2- Tempo de serviço:
- 3- Qual é o seu entendimento acerca de violência no ambiente escolar?
- 4- Qual é a sua compreensão sobre preconceito?
- 5- Quais são os livros que você leu a respeito de violência na escola sob a forma de preconceito?
- 6- Quais são os tipos de violência entre os alunos na sala de aula?
- 7- Quando acontece violência entre os alunos o que faz você para combater?
- 8- Você desenvolve projetos em relação ao referido tema?
- 9- Você trabalha com seus alunos os valores humanos a partir do respeito ao outro?

APÊNDICE C

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS DO 5º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

- 1- Quais são os tipos de violência entre vocês na sala de aula?
- 2- O que você entende por preconceito?
- 3- O que o professor (a) faz para solucionar o problema?
- 4- Você já observou algum tipo de violência entre professor e aluno?
- 5- Você já sofreu algum tipo de preconceito na sala de aula ou em outro local da escola?
- 6- Geralmente qual o motivo que leva os alunos a se desentenderem?

ANEXO A
FOTOS DA ESCOLA



Corredor de entrada.



Secretaria da escola.



Espaço do lado e atrás da Escola.



Cozinha.



Pátio em que acontece o recreio e os alunos lancham.



Corredor das salas de aula.



Despensa.



Hora do lanche.



Momento das brincadeiras.



Momento das brincadeiras.